



Terrorismo: a contemporaneidade da trindade clausewitziana

Terrorism: the contemporaneity of clausewitzian trinity

André Mendes Pereira de Paula¹

RESUMO

Clausewitz é um dos maiores pensadores da guerra e da estratégia. Dentre as ideias concebidas pelo militar alemão, destaca-se a “Trindade da Guerra”, conceito formado por três tendências dominantes, que agem como forças dentro da guerra e que estão sempre presentes nos conflitos, sendo eles: a violência primordial que liga os indivíduos a guerra e aumenta o impulso para a luta contra o inimigo; o jogo do acaso e da probabilidade, que junto com a coragem e o talento, permeiam os combates, fazendo da guerra um ato imprevisível e, finalmente, a subordinação da guerra a política, que é um instrumento para que o Estado alcance seus objetivos. Contudo, persiste a dúvida se as teorias de Clausewitz permanecem relevantes nos dias atuais com o recrudescimento da globalização e da guerra assimétrica (terrorismo), uma vez que ficou enfraquecida a definição Westfaliana de um Estado-nação e aumentou-se a participação de atores não estatais nos conflitos. Esse trabalho se baseou num estudo qualitativo, caracterizado por ser uma pesquisa do tipo aplicada, onde elencamos algumas interpretações da trindade de Clausewitz e buscamos verificar a contemporaneidade da mesma para o terrorismo. Por fim, a emergência do Estado Islâmico tornou o tema terrorismo novamente atual, uma vez que o terror é, cada vez mais, uma preocupação e uma ameaça a diversos governos do Ocidente.

Palavras-chave: Terrorismo. Estratégia. Clausewitz. Trindade da Guerra

ABSTRACT

Clausewitz is one of the greatest thinkers of war and strategy. Among the ideas conceived by the German military, there is the “Trinity of War”, concept that consists of three dominant trends, which act as forces in the war and that are always present in the conflicts, namely: the primordial violence that connects individuals the war and increase the impetus for the fight against the enemy; the play of chance and probability, which along with the courage and the talent, permeate the fighting, making war an unpredictable act and finally the subordination of war to politics, which is an instrument for the state to achieve its goals. However, there is doubt whether the theories of Clausewitz remain relevant in the present day with the intensification of the globalization and the asymmetric warfare (terrorism), once it became weakened the Westphalian definition of a nation-state and was increased participation of non-state actors in the conflicts. This paper was based on a qualitative study, characterized as a search of the type applied, where we list some interpretations Clausewitz's trinity and seek to verify the contemporaneity of the same to terrorism. Finally, the emergence of the Islamic State became the terrorism issue again today, since terror is increasingly a concern and a threat to several western governments.

Keywords: Terrorism. Strategy. Clausewitz. Trinity of War

1. Possui graduação em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (2000), pós-graduação em Ciências Militares (Lato Sensu) pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (2008), mestrado em Ciências Militares (Pós-graduação Universitária Stricto Sensu) pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (2012) e Especialização em Bases geo-históricas para o Planejamento Estratégico (2013).

Introdução

“A guerra é mais do que um mero camaleão que adapta suas características para cada situação” (BASSFORD, 2007, p. 77, tradução nossa).

O militar alemão Carl Philipp Gottlieb von Clausewitz (1780-1831) foi um dos maiores pensadores militares da história e sua obra “Da Guerra” teve papel fundamental no pensamento militar, sedimentando as bases da teoria da guerra.

Nesse aspecto, o então Coronel Colin Powell², intrigado com a derrota norte-americana na Guerra do Vietnã, descreve o livro “Da Guerra” como sendo “um raio de luz vindo do passado e que ainda ilumina as perplexidades militares do presente” (STRACHAN, 2008, p. 8). Ou seja, Powell já demonstrava a importância da teoria secular de Clausewitz.

Beatrice Heuser, professora na universidade das Forças Armadas alemãs, comenta que ao desenvolver ainda mais sua noção de guerra em função de variáveis, a forma da guerra poderia ser determinada por uma trindade paradoxal³. O livro 1, a princípio a parte mais importante e completa da obra (tendo sido revisada), apresenta o auge das reflexões de Clausewitz (CLAUSEWITZ, 2006, p. xxvii).

No que tange a algumas das principais concepções contidas em “Da Guerra”, Carla Wrbieta Ferezin, mestre em ciência política pela UFSCar, aponta que podemos citar as seguintes: a guerra como a continuação da política de Estado por outros meios; a diferença entre guerra real e guerra absoluta; a inserção das forças morais e valores

subjetivos como essenciais na condução das guerras; “o relativismo histórico, indicando que cada período tem o seu próprio tipo de guerra e as circunstâncias restritivas adequadas à conjuntura histórica” e a “Trindade da Guerra” (FEREZIN, 2013, p. 106).

Nas últimas décadas, Carl von Clausewitz, antes considerado um pensador inquestionável da teoria da guerra, e sua obra literária passaram a serem alvos dos críticos, tendo em vista as mudanças na guerra no século XXI.

Esses críticos afirmam que os escritos de Clausewitz não se aplicariam mais como uma teoria universal no clima da guerra assimétrica atual⁴ (DAASE; SCHINDLER, 2009).

Nesse diapasão, o presente artigo visa verificar a aplicabilidade da trindade clausewitziana junto ao “terrorismo”, se justificando pela recente emergência do Estado Islâmico e pelo motivo de “Da Guerra” ser um clássico, que gera ainda hoje grandes discussões sobre sua contemporaneidade.

Esse trabalho foi baseado num estudo qualitativo, caracterizado por ser uma pesquisa do tipo aplicada (geradora de conhecimento para aplicação prática), compreendendo uma revisão de literatura, com a finalidade de detectar conceitos-chaves e melhorar o entendimento dos dados. Além disso, quanto aos procedimentos técnicos, foi empregada uma pesquisa bibliográfica, documental e de levantamento, aplicando o método indutivo.

Em seguida, o artigo foi organizado da seguinte forma: após a introdução, segue-se a seção que cabe ao desenvolvimento da pesquisa que foi dividida na análise do terrorismo, da trindade da guerra e da obsolescência ou contemporaneidade da mesma, finalizando com breves considerações finais.

2. Colin Powell é um General da reserva do exército norte-americano e o 65º Secretário de Estado dos Estados Unidos da América, sendo um ator de destaque no planejamento da operação Tempestade no Deserto (Guerra no Golfo), em 1990, e no estabelecimento da Guerra ao Terror, após o 11 de setembro de 2001.

3. Bassford não acredita que “paradoxal” seja a melhor tradução para *wunderliche*, ficando melhor a palavra “fascinante” (BASSFORD, 2007, p. 79).

4. Um conflito armado cuja as Forças Armadas convencionais, que usa meios regulares, enfrentam uma força não convencional que usa medidas irregulares (VAN; VERWIJ, 2009, p. 15).

Desenvolvimento

Inicialmente, constata-se a necessidade de estudarmos a assimetria dos conflitos atuais, que acabam por englobar o terrorismo.

A doutrina do exército dos Estados Unidos da América (EUA) estabelece a insurgência como sendo um grupo político armado que emprega a subversão e o embate com fins de destituir um governo formado (CASSIDY, 2006, p. 12).

Os conflitos assimétricos parecem ter ganhado grande evidência atualmente, embora a expressão exista desde de 1974. Nesses conflitos, destaca-se as “pequenas guerras”, que não são conflitos convencionais, nem interestatais, mas sim, conflitos de baixa intensidade e operações de paz, onde o sucesso não é necessariamente garantido pela superioridade militar. Pode-se verificar seis paradoxos que caracterizam tais conflitos, que estão exemplificados na Tabela 1 (CASSIDY, 2006, p. 23).

Dessa forma, um paradoxo estratégico emerge quando um poder militar incontestavelmente superior, dispondo de meios ilimitados com objetivos limitados, enfrenta um adversário inferior, que apesar de possuir meios limitados almeja alcançar objetivos ilimitados. Nesse contexto, a partir de 2001, os EUA iniciaram os combates contra a *Al-Qaeda*, acarretando a chamada “Guerra ao Terror”, definição um pouco limitada do inimigo, uma vez que um dos ensinamentos mais importantes de Clausewitz é a concepção precisa sobre o tipo de guerra que se está atuando. No caso, o conflito em tela se aproxima mais de uma “insurgência mundial travada contra o sistema de Estados vestefaliano” (CASSIDY, 2006, p. 11, tradução nossa).

Cabe ressaltar que a globalização e a tecnologia presentes na chamada “Era da Informação” possibilitarão o fomento cada vez maior da interconexão entre grupos insurgentes com estratégias e comandos distintos, mas com objetivos e mentali-

dade unificadores. Esse fato pode tornar tais grupo menos eficazes na tomada do poder ou no alcance de objetivos políticos, porém mais resistente as operações de forças estatais (CASSIDY, 2006, p. 13).

“A guerra contra o radicalismo islâmico é uma guerra de guerrilha⁵: não empreendida dentro de um Estado, mas por meio dos Estados. Cada ato de guerrilha insurgente se destina a provocar uma reação desproporcional que, consequentemente, aumentará o apoio popular da guerrilha dentro da comunidade islâmica” (CASSIDY, 2006, p. 14, tradução nossa).

Terrorismo

O estudo da guerra convencional mobilizou as ciências militares durante os 30 anos posteriores ao final da Guerra do Vietnã. Porém, a partir do ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, a contra-insurgência se tornou um tema recorrente nos estudos militares (CASTRO, 2007, p. 70).

João Paulo Duarte, doutor em ciência política pela PUC, aponta que, a partir do evento supramencionado, o terrorismo se tornou uma espécie de “fantasma”, na mente das pessoas, se convertendo em assunto recorrente, principalmente quando visto concretamente (DUARTE, 2014, p. 9).

Importante destacar que a definição sobre terrorismo depende fundamentalmente dos interesses envolvidos. Mesmo nos EUA, não existe consenso entre o Código Civil, o *Federal Bureau of Investigation* (FBI) e o Departamento de Estado, embora os dois primeiros pareçam destacar o aspecto ilegal e ilegítimo do ato. Já a Organização das Nações Unidas (ONU) não tece comentários sobre a questão da legalidade do ato, mas enfatiza o fato de ser uma ação perpetrada contra civis com a finalidade de atingir objetivos políticos (DUARTE, 2014, p.

5. “A guerra de guerrilha é a arma mais poderosa dos muçulmanos e é o melhor método para continuar o conflito com o cruzados inimigos” (*AL-QAEDA* apud CASSIDY, 2006, p. 12, tradução nossa).

Tabela 1 Os Paradoxos dos Conflitos Assimétricos

Natureza do Paradoxo	Oponente Superior	Oponente Inferior
Objetivos estratégicos	Limitado	Ilimitado
Meios estratégicos	Ilimitado	Limitado
Tecnologia/armamento	Superior	Inferior
Vontade/Coesão interna	Condicional	Incondicional
Tolerância a casualidade	Baixo	Alto
Abordagem Militar	Direta /Clausewitziana	Indireta/Maoísta

Fonte: CASSIDY, 2006, p. 23, tradução nossa

12–13). Essa dificuldade de definição reflete a complexidade do tema em si.

Uwe Steinhoff, professor da Universidade de Hong Kong, traz uma boa definição sobre o terrorismo:

“Terrorism is the strategy of intimidating or impressing others than the immediate victims or targets of violence by the repeated threat, made credible by corresponding acts, of the repeated killing or severe harming of innocents or the repeated destruction or severe harming of their property. Terrorist acts are such severe attacks on innocents or their property which constitute part of such a strategy” (STEINHOFF, 2007, p. 5).

Em apertada síntese, o terrorismo, de maneira geral, seria uma ação violenta contra civis ou suas propriedades, visando objetivos políticos.

David C. Rapoport, professor emérito da universidade da Califórnia e *expert* em terrorismo, estabelece quatro ondas históricas do terrorismo, havendo um período relativamente equivalente entre as mesmas, sendo elas: a onda dos movimentos anarquistas, a onda anticolonialistas, a onda da esquerda e a onda religiosa (RAPOPORT, 2002).

Inserida na Quarta Onda, temos como um dos principais grupos terroristas da atualidade, a *Al-Qaeda*, organizada em 1998, possui quatro dife-

6. O terrorismo é a estratégia de intimidar ou impressionar os outros por meio de ameaças repetidas a vítimas ou outros alvos de violência, feitas por atos como assassinatos contra inocentes ou prejuízos graves contra suas propriedades. Os atos terroristas são ataques graves sobre inocentes ou seus bens, constituindo parte de uma estratégia [tradução nossa].

rentes estruturas para promover sua *Jihad* contra os chamados inféis do Ocidente: primeiro, a estrutura piramidal de comando que estabelece como alcançar seu objetivo; a segunda, formada pela rede de terroristas transnacionais; a terceira, composta pela guerrilha no Afeganistão; e por último, a aliança existente entre os insurgentes de diversos países e as redes terroristas (CASTRO, 2007, p. 70; DUARTE, 2014, p. 45)

Com a finalidade de destruir essa estrutura, os EUA estabeleceram uma longa operação, visando capturar Osama bin Laden⁷, destruir o aparato dessa organização e um revide contra essas forças que haviam obtido capacidade de agir globalmente (DUARTE, 2014).

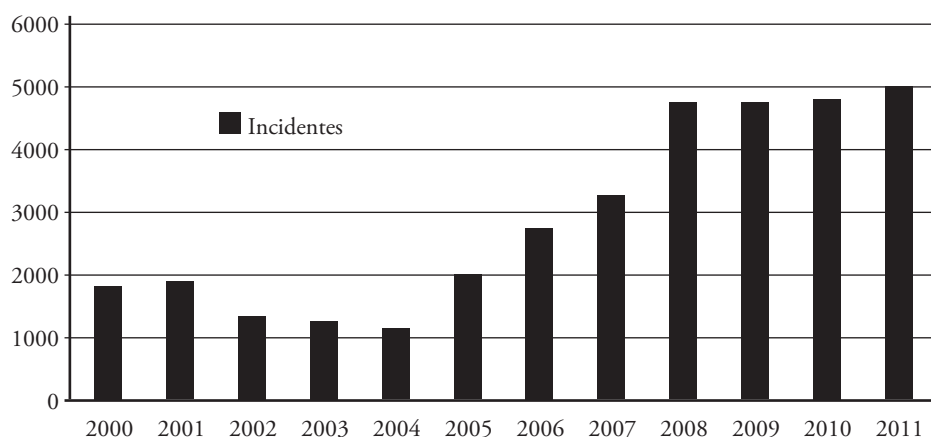
Vale destacar que essa nova emergência do terror fundamentalista como forma de luta mudou a tônica convencional da guerra, na qual se verifica a atuação transterritorial de forças não estatais e descentralizadas (PASSETTI, 2007 apud DUARTE, 2014, p. 11).

Outra questão de grande importância é a ascensão do Estado Islâmico no Oriente Médio e a grande preocupação que sua expansão vem causando principalmente no mundo ocidental.

Loretta Napoleoni, doutora pela *London School of Economics* e expert em terrorismo, relata que, em 2013, o Estado Islâmico do Iraque (EII, ou ISIS, na sigla em inglês) se fundiu com membros da

7. Líder terrorista responsável pelo ataque às Torres Gêmeas.

Figura 1. Incidência de terrorismo no mundo entre 2000 e 2011



Fonte: STEPANOVA, 2011, p. 128

al-Nusra (considerada uma *Al-Qaeda* Síria), dando origem ao Estado Islâmico do Iraque e do Levante (al-Sham ou EIIL), visando a criação de um Estado Islâmico na Síria e focado na conquista de territórios (NAPOLEONI, 2015, p. 40–41).

Nos últimos três anos, o EIIL obteve sucesso em desafiar as maiores potências mundiais, propiciando condições de alcançar a reconstrução do Califado. Esse fato é possível pela capacidade de obter e administrar vastos recursos financeiros, por meio de campos petrolíferos, usinas de energia e cobrança de impostos, dentre outros (NAPOLEONI, 2015, p. 26 e 119).

Nessa seara, segundo Cordersman (2015, p. 1 e 2), ocorreu um aumento de 58% no número de grupos salafistas-jihadistas de 2010 até 2013, sendo que 99% dos ataques foram realizados contra alvos no Norte da África, no Oriente Médio e no Sul da Ásia.

Somando-se a isso, a expansão do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL) ocorreu concomitantemente com o aumento do terrorismo no Iraque em 2014, elevando o número de ataques no país de 400 para 950, “representando 96% de todos os ataques de autoria identificada” (CORDESMAN, 2015, p. 4, tradução nossa). Percebe-se, portanto, que o terrorismo apresenta um crescimento exponencial nos últimos anos.

A Figura 1 reforça essa ideia, ao demonstrar o aumento da incidência de ataques terroristas ocorrido na primeira década do século XXI.

Assim, esse novo terrorismo global ilustra a emergência de microestruturas globais, coordenadas e conectas que combinam o alcance em todo mundo e possuem algumas características, como estruturas institucionais leves, não estatais e com complexidade temporal⁸ (CETINA, 2005, p. 214–215).

Tais características fundamentam as próximas linhas deste artigo, a fim de melhor estabelecer uma aplicabilidade deste novo terrorismo global com a teoria atemporal de Clausewitz.

A trindade da guerra

A trindade da guerra é uma teoria formada por três tendências predominantes, presentes em todos os conflitos armados estabelecidos, “que agem como forças no interior da guerra”: a violência (um impulso para a combate); o jogo do acaso e da probabilidade (que dá a imprevisibilidade da guerra e a necessidade do talento do Comandante) e da subordinação, sendo um mero instrumento da política (CLAUSEWITZ, 2002, 2006, p. 30 e 31; FERREZIN, 2013, p. 106).

8. A maior parte de seus elementos componentes e ações são limitadas no tempo (CETINA, 2005, p. 229).

INTERPRETAÇÕES

Em 1981, o Capitão Harry Summers Jr., destacou a Trindade de Clausewitz, afirmando ser composta por exército, governo e povo, ao empregar a tradução de Howard e Paret do livro de Clausewitz (STRACHAN, 2008, p. 8).

Como abordado anteriormente, assim como Summers, o então Coronel Powell, surpreso com o hiato existente entre a sociedade e o Exército e buscando uma explicação para a derrota dos EUA na Guerra do Vietnã, concluiu o seguinte:

“A mais profunda lição de Clausewitz para minha profissão foi a de que o soldado, apesar de todo o seu patriotismo, coragem e habilidade, representa apenas uma perna de uma tríade. Se as três pernas não estiverem empenhadas – as **forças armadas**, o **governo** e o **povo** –, o empreendimento não pode se sustentar” (POWELL, 1995 apud STRACHAN, 2008, p. 8, grifo nosso).

Com isso, a ideia sobre a definição da trindade da guerra ser formada por exército, governo e povo, se tornava cada vez mais sedimentada na mente dos estudiosos militares.

Entretanto, Christopher Bassford, um historiador militar norte-americano, aponta que a tradução de Howard e Paret na seção 28, do capítulo 1, do Livro I foi equivocada (BASSFORD, 2007, p. 76). Os supramencionados pesquisadores buscaram traduzir esse trecho interpretando segundo o contexto da obra e não traduzindo cada palavra da mesma forma, ou seja, literalmente (STRACHAN, 2008, p. 103).

Portanto, verifica-se que a obra de Clausewitz está sempre em discussão e análise, uma vez que insere-se num constante esforço intelectual dialético, ficando longe de ser um trabalho simplista de fácil interpretação.

Bassford (2007, p. 76) reflete uma tradução alternativa com base em uma comparação das principais traduções do alemão para o inglês (três no total). Ressalta-se, porém, que cabe o debate nessa

argumentação, uma vez que nas ciências sociais não existem fórmulas irrefutáveis e uma teoria é algo que gera sempre discussão.

Sendo assim, Howard e Paret traduziram o trecho que concerne ao caso em tela da seguinte forma:

“War is more than a **true** chameleon that slightly adapts its characteristics to the given case. As a total phenomenon its dominant tendencies always make war a **paradoxical trinity**—composed of primordial violence, hatred, and enmity, which are to be regarded as a blind natural force; of the play of chance and probability within which the creative spirit is free to roam; and of its element of subordination, as an instrument of **policy**, which makes it subject to reason **alone**.

The first of these three aspects mainly concerns the people; the second the commander and his army; the third the government.

(...)

Our task therefore is to develop a theory **that maintains a balance between** these three tendencies, **like an object suspended between three magnets**.

What lines might best be followed to achieve this difficult task will be explored in the book on the theory of war [Book Two]. At any rate, **the preliminary concept of war which we have formulated casts a first ray of light on the basic structure of theory, and enables us to make an initial differentiation and identification of its major components**⁹ (CLAUSEWITZ, 2006, p. 30, grifo nosso).

9. A guerra é mais do que um **verdadeiro** camaleão, que adapta um pouco as suas características a uma determinada situação. Como um fenômeno total, as suas tendências predominantes sempre tornam a guerra uma **trindade paradoxal** - composta da violência, do ódio e da inimizade primordiais, que devem ser vistos como uma força natural cega, do jogo do acaso e da probabilidade, no qual o espírito criativo está livre para vagar; e do seu elemento de subordinação, como um instrumento da **política**, que a torna sujeita apenas à razão. O primeiro destes três aspectos diz respeito principalmente às pessoas; o segundo ao comandante e ao seu exército; o terceiro ao governo. (...). A nossa tarefa é, portanto, elaborar uma teoria **que mantenha um equilíbrio** entre estas três tendências, **como um objeto suspenso entre três ímãs**. No livro sobre a teoria de guerra [Livro Dois] será verificado quais são os melhores caminhos a seguir para realizar essa difícil tarefa. De qualquer maneira, **o conceito preliminar de guerra que formulei lança um primeiro raio de luz sobre a estrutura básica da teoria e permite que estabeleçamos uma diferenciação e uma identificação iniciais dos seus principais componentes** [tradução nossa].

Para Bassford, a tradução deveria ser a seguinte:

“War is thus more than a **mere** chameleon, **because it changes its nature to some extent in each concrete case**. It is also, however, when it is regarded as a whole and in relation to the tendencies that dominate within it, **a fascinating trinity** – composed of primordial violence, hatred, and enmity, which are to be regarded as a blind natural force; the play of chance and probability, within which the creative spirit is free to roam; and its element of subordination, as an instrument of **policy**, which makes it subject to **pure** reason.

The first of these three aspects concerns more the people; the second, more the commander and his army; the third, more the government.

(...)

The task, therefore, is to keep our theory [of war] **floating among** these three tendencies, **as among three points of attraction**.

What lines might best be followed to achieve this difficult task will be explored in the book on the theory of war [i.e. Book II]. In any case, **the conception of war defined here will be the first ray of light into the fundamental structure of theory, which first sorts out the major components and allows us to distinguish them from one another**¹⁰”

(BASSFORD, 2007, p. 77, grifo nosso).

Portanto, Bassford (2007, p. 77 e 78) afirma que a guerra é mais do que um mero “camaleão”

10. A guerra é, portanto, mais do que um **mero** camaleão, **porque muda a sua natureza, em certa medida, em cada caso concreto**. A guerra também é, quando considerada como um todo e em relação às tendências dominantes em seu interior, uma **fascinante trindade** – composta de violência primordial, ódio e inimizade, que devem ser considerados como uma força natural cega; o jogo do acaso e da probabilidade, dentro do qual o espírito criativo é livre para vagar; e seu elemento de subordinação, como um instrumento da **política**, o que o torna sujeito a **pura** razão. O primeiro destes três aspectos concerne mais as **pessoas**; a segunda, mais ao comandante e seu exército; o terceiro, mais ao governo (...). A tarefa, portanto, é manter a nossa teoria [da guerra] que flutua entre essas três tendências, como entre os três pontos de atração. Que linhas podem melhor serem seguidas para alcançar essa difícil tarefa, será explorada no livro sobre a teoria da guerra [ou seja, Livro II]. Em qualquer caso, **a concepção de guerra aqui definido será o primeiro raio de luz na estrutura fundamental da teoria, que primeiro classifica os principais componentes e nos permite distingui-los um do outro** [tradução nossa].

(metáfora usada por Clausewitz, mas um termo ainda insuficiente para conceituar a guerra), pois muda sua natureza de forma profunda de acordo com as circunstâncias encontradas no ambiente. Além disso, Strachan (2008, p. 175) relata que a trindade seria algo como maravilhosa (fascinante para Bassford), ou seja, algo muito mais abrangente.

Nesse ponto, percebe-se que a guerra não tem uma forma estanque e imutável, podendo sofrer evoluções de acordo com a situação vigente.

O fato é que o exército, o povo e o governo, constante no 3º parágrafo da seção 28, não definem a trindade, mas ilustram tão somente um conjunto secundário de elementos que foram supervalorizados, tendo em vista a importância deles na derrota americana na indochina (BASSFORD, 2007, p. 80). Colin Powell e outros norte-americanos também foram atraídos pelos mesmo elementos (STRACHAN, 2008, p. 175). Dessa forma, por algum tempo, a trindade secundária (formada por substantivos) acabou se descolando da trindade primária (formada por palavras abstratas).

Destarte, as tendências dominantes da guerra seriam compostas pela:

“(1) violência primordial, ódio e inimizade, que devem ser considerados como uma força natural e cega; (2) o jogo do acaso e da probabilidade, dentro do qual o espírito criativo é livre para vagar; e (3) seu elemento de subordinação, como instrumento de política, o que o faz sujeito somente a razão” (BASSFORD, 2007, p. 77, tradução nossa).

Enquanto, “o primeiro desses três aspectos diz respeito mais as **pessoas**; o segundo, mais ao **comandante** e seu **exército**; o terceiro, mais ao **governo**” (BASSFORD, 2007, p. 77, tradução nossa, grifo nosso). Deste modo, essa trindade secundária é formada por atores que recebem influência direta da trindade primária na medida em que esta se manifesta.

Ao substituir a tradução de *mehr* pela palavra “principalmente” (que Bassford traduz como

“mais”), Howard e Paret atrela esses atores humanos (governo, povo e exército) aos elementos da trindade, sendo que na verdade cada um dos componentes da trindade primária afeta todos esses atores numa extensão variável (BASSFORD, 2007, p. 81). Tal entendimento, é reforçado pela obra, já que em nenhum momento Clausewitz limita essa influência entre a trindade primária e a secundária.

CRÍTICAS AO CONCEITO DE TRINDADE

Para John Keegan e para Martin van Creveld, pensadores contemporâneos de Clausewitz, o conceito entendido como o da trindade da guerra, caracterizada pelo governo, pelo exército e pelo povo, seriam irrelevantes (KEEGAN, 1993; VAN CREVELD, 1991, *apud* KALDOR, 2010, p. 276).

Para Martin van Creveld¹¹ e Mary Kaldor¹², a maioria dos conflitos ocorridos a partir de 1990 (as chamadas “novas guerras”) se davam entre atores não estatais e, portanto, não caracterizavam uma subordinação da guerra à política (STRACHAN, 2008, p. 12). Essa lógica estaria fundamentada no argumento de que apenas Estados exercem a “*policiy*”¹³.

Ambos os autores pregam que a teoria de Clausewitz foi superada, pelo menos em dois aspectos principais, sejam eles: a guerra não é mais um fenômeno da política interestatal e cada vez mais existe a possibilidade de que aconteça conflitos sem o controle do Estado (vide a ascensão do Estado Islâmico). Além disso, as guerras do século XXI não mais refletiriam, na sua dinâmica interna, a “Trindade Clausewitziana”, seja pela inserção de novas tecnologias bélicas (nuclear) ou por não serem mais empreendidas por um povo, um exército e um governo (SILVA, 2003, p. 147; STRACHAN, 2008, p. 12).

Outros teóricos e estrategistas, tais como John Keegan caracterizam Clausewitz e suas teorias da

guerra como arcaicas e de pouco valor para o estudo da Guerra Moderna, especificamente ao tentar aplicá-las as insurgências¹⁴, tais como a *Al-Qaeda* e o Estado Islâmico. Sendo a obra “Da Guerra” focado no modelo de Vestefália, os escritos de Clausewitz não seriam aplicáveis às insurgências nem se aplicariam a guerra travada por identidades que não sejam Estados-nações (PAPAJ, 2008, p. 1–3).

Vale salientar que John Keegan e Martin van Creveld questionam até que ponto a análise de Clausewitz é significativa, uma vez que, dentro de Estados falidos, as distinções entre o governo, as pessoas e o exército podem ser difíceis de identificar (ANGSTROM, 2005, p. 5).

Creveld argumenta:

“(…) onde não existe Estado, a divisão tripla para o governo, o exército, e as pessoas não existe da mesma forma. Também não seria correto dizer que, em tais sociedades, a guerra é feita pelos governos usando exércitos para fazer guerra à custa do povo ou em nome do mesmo” (ANGSTROM, 2005, p. 5, tradução nossa).

Até o presente momento, verifica-se que as críticas à teoria de Clausewitz estão focadas numa interpretação equivocada da trindade da guerra, ou seja, a inexistência de um governo ou de um exército convencional nos conflitos atuais estaria refutando as bases dessa teoria, o que veremos mais à frente como sendo um engano.

Contemporaneidade ou obsolescência?

Clausewitz tinha o entendimento da emergência de “novas guerras”, já que a natureza da guerra (metáfora do camaleão) apontava que seus três componentes dominantes, podiam se modificar radicalmente (STRACHAN, 2008, p. 186).

O livro “Da Guerra”, não é um “manual de instruções”, que fornece um guia prático ou um

11. Autor do livro *The Transformation of War* de 1991.

12. Autora do livro *New and Old Wars* de 1999.

13. Política pública.

14. A insurreição é um movimento armado que objetiva a derrubada de um governo constituído ou a separação deste, incorporando diversos componentes assimétricos ao conflito (CASSIDY, 2006, p. 12; CASTRO, 2007, p. 72).

constructo rígido para os chefes militares, ou seja, a teoria não deve entrar em conflito com a realidade, devendo “ser essencialmente descritiva da guerra, mas nunca prescritiva da ação” (BASSFORD, 1994, p. 11, tradução nossa).

Destarte, o militar alemão buscava, por meio da dialética, nortear os líderes militares para a complexidade da guerra, sem se preocupar com amarras fixas e conceitos imutáveis. Se fosse vivo hoje em dia, provavelmente o filósofo alemão não estabeleceria uma fórmula cartesiana para definir suas ideias.

Deste modo, nessa subseção analisaremos as determinantes da trindade uma a uma, de forma a verificarmos a contemporaneidade ou obsolescência de sua teoria.

A VIOLÊNCIA PRIMORDIAL

Com relação a trindade, o primeiro elemento é a violência primordial, em que Clausewitz se refere a uma emoção violenta e não uma violência física (que pode emergir de qualquer um dos elementos). Assim, essa emoção seria uma força motivadora por trás da guerra, que influenciaria o formato da mesma (BASSFORD, 2007, p. 82).

Outrossim, as mudanças da guerra presentes na conhecida metáfora do camaleão (diferentemente da alteração apenas externa de sua pele), se estabelece no interior da mesma, envolvendo o mínimo de violência, num determinado momento, e podendo ocorrer rapidamente uma escalada da violência em outro instante (ECHEVERRIA, 2007, p. 203).

A emoção (violência) e a razão (política), ambas produtos da mente humana e ligadas diretamente entre si, são fontes internas de nossos desejos e, portanto, os objetivos políticos de determinado ator sempre terão a presença de ambos (BASSFORD, 2007, p. 88–89).

Dessa maneira, conclui-se parcialmente que a violência primordial permanece como uma deter-

minante nos conflitos ligados ao terrorismo, uma vez que o mesmo é sempre carregado de grande fator emocional (extremismo islâmico e comoção da sociedade). Foi esse fator que impeliu aos EUA, após o ataque as Torres Gêmeas, a empreender uma Guerra no Afeganistão e no Iraque e que move, ainda hoje, os terroristas a realizar ataques suicidas em diversas partes do mundo, ambos buscando alcançar um objetivo específico e motivados por uma “violenta emoção”.

O JOGO DO ACASO E DA PROBABILIDADE

Para Bassford (2007, p. 88 e 89), o “acaso” (arbitrário e incalculável) e a “probabilidade” (algo que pode acontecer) são elementos distintos entre si e externos as emoções humanas, que representam a realidade concreta com que os atores lidam na guerra, ou seja, o mundo físico, tais como as montanhas, as condições meteorológicas, a demografia, entre outros, bem como o mundo abstrato: as personalidades, as capacidades, os recursos e a vontade, que influem nos inimigos e nos aliados.

Em suma, jogo do acaso e da probabilidade moldam fatores concretos presentes nas forças militares como o efetivo, o alcance operativo, o tempo, dentre outros, gerando reflexos na condução militar da guerra e exigindo atributos pessoais (coragem e criatividade) por parte dos comandantes militares (BASSFORD, 2007, p. 90).

Infere-se parcialmente que esse elemento da trindade está presente no combate ao terrorismo, tendo em vista a presença da arbitrariedade e da imprevisibilidade nos alvos e nos efeitos dos ataques terroristas, além da necessidade de se avaliar a probabilidade de ação de uma Força Oponente, como a ocorrência de um incidente terrorista.

A SUBORDINAÇÃO DA GUERRA À POLÍTICA

Bassford (2007, p. 83, tradução nossa) também aborda que a instrumentalidade da guerra pela

política possui questões críticas, como “a maneira como e até que ponto a guerra é subordinada a razão; o significado da palavra Politik [...] e a natureza desta ‘instrumentalidade’”.

Segundo o supramencionado autor, a definição de política é complexa, uma vez que se a política é sobre partidos e eleições; monarquias ou Estados de partido único não seriam política na concepção da palavra. Já se a política é feita entre Estados, então as guerras travada por atores não estatais, como o conflito armado contra a Al-Qaeda, não seriam uma “continuação da política” (BASSFORD, 2007, p. 83). Assim, esse pensamento limitaria sobremaneira o conceito empreendido pela trindade de Clausewitz.

Michael Howard, durante uma conferência sobre Clausewitz, relatou que ele e Paret foram tendenciosos na tradução da obra em favor da Policy, principalmente por causa da grandeza da palavra. Assim, a palavra Policy (política pública) seria realizado pelos Estados, ao passo que Politics¹⁵ (política como atividade) seria um processo realizado por todos a todo momento, mas de maneira mais intensa por políticos (BASSFORD, 2007, p. 83–84).

Nesse ponto, Bassford indica que ambas as definições estão preocupadas com o poder, seja material (como econômico), físico (como armas e tropas) ou psicológico (como religião e prestígio). Além disso, a Politics (política como atividade) é um processo de grande variabilidade pelo qual o poder é distribuído em qualquer sociedade: família, ordem religiosa, tribos, Estado, etc. Já a Policy é unilateral e racional, sendo um esforço para se alcançar determinado objetivo. A distinção fundamental entre a Politics e a Policy reside nessa interatividade, ou seja, Politics é um fenômeno multilateral, enquanto a Policy é o fenômeno unilateral de Politics (BASSFORD, 2007, p. 84–85).

Em síntese, a Policy estabelece diretrizes com uma abordagem top-down sobre o que fazer para seus órgãos subalternos, enquanto a Politics se articula entre esses órgãos e seus atores.

Porém, ao analisar o contexto do livro VIII, no capítulo 6B, verifica-se que o conceito de Policy possui um caráter também multilateral. Em outras palavras, a guerra seria “um instrumento multilateral e interativo da Politics” (BASSFORD, 2007, p. 86, tradução nossa). Assim sendo, Clausewitz, dependendo do contexto existente, adotava dois sentidos distintos para a palavra Politik.

Ainda, segundo Kaldor (2010, p. 278) todas as guerras são a violência numa perspectiva política, sendo que as justificativas políticas permitem que as mortes em combate não sejam sinônimo de assassinato. Especificamente, os chamados “homens-bomba” se consideram soldados e não criminosos, uma vez que lutam por uma causa política. Sendo assim, dentro dessa concepção, as “Novas Guerras” visariam fins políticos e, portanto, podem ser vistas como uma forma de instrumentalidade da mesma.

Partindo das assertivas acima, conclui-se parcialmente que a subordinação da guerra à política possui aderência com o terrorismo e seus propósitos.

APLICABILIDADE DA TRINDADE

O pensamento de Clausewitz era de rara abertura e independência ao pensamento ora racionalista, ora romântico, presente no século XIX na Europa e a teoria da trindade é uma prova cabal disso (GHYCZY; OETINGER; BASSFORD, 2001, p. 78). Talvez por isso o pensador alemão tenha obtido tanto sucesso em sua obra.

A atemporalidade da teoria criado pelo filósofo alemão é fruto do equilíbrio de importância que foi dado tanto aos elementos racionais (com influência iluminista) e aos não racionais (presente na tradição romântica alemã) no estudo da guerra,

15. Bassford se refere de maneira negativa a essa política, tratando como se fosse realizada por homens de caráter duvidoso.

combinando o melhor dos dois mundos (GHYZY; OETINGER; BASSFORD, 2001, p. 78).

Para críticos como Martin van Creveld, em sua obra *The Transformation of War*, a presença de atores não estatais no pós-Guerra Fria não se enquadrava na teoria clausewitzina - a trindade (entendida como governo, exército e povo) seria, portanto, antiquada - contrariando o sistema vestefaliano de Estados (BASSFORD, 1994, p. 210).

Com relação ao fato da Guerra ao Terror ser feita em parte por elementos não estatais, Bassford (1994, p. 210) afirma que muito antes da paz de Vestefália, o Estado já existia e que grupos que representam possíveis proto-Estados estão presente nos conflitos atuais. O terrorismo não estatal sempre existiu na história da humanidade, sendo que a própria Prússia de Clausewitz foi um estado dinástico totalmente distinto do conceito convencional.

A globalização gerou mudanças na definição comum de Estado, demonstrando que a existência de atores não estatais não torna suas teorias irrelevantes (PAPAJ, 2008, p. 1, 2 e 3).

O fato de que a Al-Qaeda ou o Estado Islâmico serem agentes não estatais, não significa que os mesmos não persigam fins políticos e, portanto, não sejam atores políticos. Pelo contrário, na estratégia assimétrica os atores não estatais empregam táticas de terror frequentemente com uma finalidade política [grifo nosso].

A guerra apresenta dois aspectos distintos: a vitória militar (isto é, obter sucesso nos objetivos estratégicos) e o sucesso político (ou seja, a realização dos propósitos políticos). Sinteticamente, uma ação militar derrotada pode, mesmo assim, ser politicamente bem-sucedida. O terrorismo emprega justamente esse raciocínio: a ofensiva tática feita de forma estratégica para conduzir uma guerra defensiva, com a finalidade de obter uma vitória política (DAASE; SCHINDLER, 2009, p. 726).

Grosso modo, o terrorismo visa obrigar um governo a mudar sua política, por intermédio de um ator não estatal que emprega a violência contra civis, espalhando o terror entre o público (DAASE, 2007, p. 187). Em resumo, essa assertiva caracteriza a instrumentalidade da guerra pela política, o uso da violência primordial (física e emocional), bem como o jogo do acaso e da probabilidade para provocar o terror entre as pessoas, demonstrando a aplicabilidade da trindade junto ao terrorismo.

Considerações finais

Com base na análise desenvolvida neste artigo, é possível estabelecer quatro considerações a respeito do texto. A primeira, diz respeito a interpretação equivocada dos elementos primários da Trindade por alguns estudiosos, fazendo com que a emergência de atores não estatais na guerra fosse considerada a prova da obsolescência das teorias de Clausewitz.

A segunda consideração se refere a violência primordial, fonte do ódio e da inimizade e puramente emocional, elemento que se encontra presente mais do que nunca no terrorismo, que usa como arma a “comoção social” e o extremismo.

Outra consideração é que o jogo do acaso e da probabilidade, ou seja, a imprevisibilidade, é um elemento onipresente no terrorismo, uma vez que sua tática psicológica é baseada na aleatoriedade dos alvos em questão.

Por último, mas não menos importante, as organizações terroristas como *Al-Qaeda* e principalmente o Estado Islâmico, visam a obtenção de propósitos políticos, subordinando a guerra à mesma, no seu sentido mais amplo. Assim, emprega meios irracionais para atingir metas racionais, isto é, instrumentaliza a guerra de forma racional para fins políticos.

Ademais, o fato da natureza da guerra ser mutável indica que esses elementos da trindade primá-

ria não são lineares no interior da guerra, influenciando de diferentes formas e intensidades no povo, no exército e no governo.

Em síntese, conclui-se que a Trindade da Guerra não só é aplicável ao terrorismo, mas também é contemporânea para o novo *modus operandis* da guerra empreendida pelo e contra o terror.

REFERÊNCIAS

- ANGSTROM, J. Debating the nature of modern war. In: DUYVESTEYN, I.; ANGSTROM, J. (Eds.). . **Rethinking the Nature of War**. 1. ed. New York: Frank Cass, 2005. p. 260.
- BASSFORD, C. **Clausewitz in English The Reception of Clausewitz in Britain and America 1815-1945**. New York: Oxford University Press, 1994.
- BASSFORD, C. The Primacy of Policy and the “trinity” in Clausewitz’s Mature Thought. In: STRACHAN, H. E. W.; HERBERG-ROTHER, A. (Eds.). . **Clausewitz in the Twenty-first Century**. New York, 2007: [s.n.]. p. 74–90.
- CASSIDY, R. M. **Counterinsurgency and the Global War on Terror: Military Culture and Irregular War**. [s.l.] Praeger Security international Advisory Board, 2006.
- CASTRO, F. B. Os Conflitos assimétricos e a adequação das Forças Armadas. **PADECEME**, p. 70–78, 2007.
- CETINA, K. K. Complex Global Microstructures: The New Terrorist Societies. **Theory, Culture & Society**, v. 22, n. 5, p. 213–234, 2005.
- CLAUSEWITZ, C. **De la guerra**. [s.l.] Librodot.com, 2002.
- CLAUSEWITZ, C. **On war**. Translated ed. New York: Oxford University Press, 2006.
- CORDESMAN, A. H. BROAD PATTERNS IN GLOBAL TERRORISM IN 2014. **CSIS Center for Strategic & International Studies**, 2015.
- DAASE, C. Clausewitz and Small Wars. In: STRACHAN, H. E. W.; HERBERG-ROTHER, A. (Eds.). . **Clausewitz in the Twenty-first Century**. [s.l.] Oxford University Press, 2007.
- DAASE, C.; SCHINDLER, S. Clausewitz , Guerillakrieg und Terrorismus . Zur Aktualität einer missverstandenen Kriegstheorie. **Politische Vierteljahresschrift**, v. 50, n. 4, p. 701–731, 2009.
- DUARTE, J. P. **Terrorismo caos, controle e segurança**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Desatino, 2014.
- ECHEVERRIA, A. J. Clausewitz and the Nature of the War on Terror. In: STRACHAN, H.; HERBERG-ROTHER, A. (Eds.). . **Clausewitz in the Twenty-first Century**. [s.l.] Oxford University Press, 2007. p. 196–218.
- FEREZIN, C. C. W. Leituras de Clausewitz no Exército brasileiro: interpretações da trindade da guerra. **Revista de Ciência Política**, v. 22, p. 102–119, 2013.
- GHYCZY, T. VON; OETINGER, B. VON; BASSFORD, C. **Clausewitz on Strategy Inspiration and insight from a Master Strategist**. New York: John Wiley & Sons, 2001.
- KALDOR, M. Inconclusive Wars: Is Clausewitz Still Relevant in these Global Times? **Global Policy**, v. 1, n. 3, p. 271–281, 2010.
- NAPOLEONI, L. **A Fenix Islamita: o Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
- PAPAJ, C. C. J. **Clausewitz and 21st Century Warfare** Carlisle, 2008.
- RAPOPORT, D. C. The Four Waves of Rebel Terror and September 11. **Anthropoetics** 8, v. 1, 2002.
- SILVA, C. E. M. V. **A transformação da guerra na passagem para o século XXI. Um estudo sobre a atualidade do paradigma de Clausewit**. [s.l.] Universidade Federal de São Carlos, 2003.
- STEINHOFF, U. **On the ethics of war and terrorism**. 1. ed. New York, 2007: [s.n.].
- STEPANOVA, E. Terrorism and Antiterrorism. In: KALDOR, M.; RANGELOV, I. (Eds.). . **The Handbook of Global Security Policy**. [s.l.] Wiley Blackwell, 2011. v. 25p. 419–25.
- STRACHAN, H. **Sobre a Guerra de Clausewitz [Uma Biografia]**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- VAN, B. T. A.; VERWIJ, D. E. M. **The Moral Dimension of Asymmetrical Warfare**. Boston: Martinus Nijhoff, 2009.

*Recebido em: 25 de fevereiro de 2016
Aprovado em: 30 de abril de 2016*